

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

SIMONE ESCÓRCIO DE ARAÚJO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

PARNAÍBA

2009

SIMONE ESCÓRCIO DE ARAÚJO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho monográfico apresentado como objetivo de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira sob orientação do professor Antônio Marcos Silva Costa.

PARNAÍBA

2009

SIMONE ESCÓRCIO DE ARAÚJO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

Orientador: Antônio Marcos Silva Costa

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

Observações: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor (a): _____ (UESPI – Parnaíba)

Professor (a): _____ (UESPI – Parnaíba)

Professor (a): _____ (UESPI – Parnaíba)

PARNAIBA

2009.

Dedico este trabalho aos meus alunos da 2ª série "A", aos funcionários da escola Benedito Jonas Correia pela ajuda e compreensão.

Agradeço a Deus, por tudo, pois sem a sua graça eu não teria conseguido, também aos meus professores Antônio Marcos e Alcione pela ajuda e encorajamento. Aos meus filhos Quézia e Rodrigo por ter entendido a minha ausência, minha linda mãe e ao meu esposo Oriando.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância de se ter o gosto pela leitura, sendo que a mesma deve estar presente na vida do indivíduo desde muito cedo. A leitura é um processo através do qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Ela garante ao indivíduo um posicionamento crítico na sociedade, além de dar um prazer libertário ao mesmo. É muito importante que as séries iniciais trabalhem de forma significativa a leitura e que os professores e pais tomem consciência do poder que a leitura produz na vida dos alunos, portanto elas precisam inculcar o gosto pela leitura, pois a mesma abre horizontes. O presente trabalho destaca os aspectos históricos da leitura, a grande contribuição dos teóricos, o papel da família, das escolas, os trabalhos com projetos de leitura. Enfatizando também caminhos e reflexões sobre o despertar sobre o gosto pela leitura.

Palavras Chaves: Leitura. Gosto. Crítico.

ABSTRACT

This work aims to show the importance of having a taste for reading, and that it should be present in the life of the individual too early. Reading is a process through which the reader performs an active work of construction of the meaning of the text. She guarantee the individual a critical position in society, in addition to a pleasure to even libertarian. It is very important that the initial work on a series significant reading and that teachers and parents aware of that reading can take the lives of students, so they need instilling a love of reading because it opens horizons. This paper highlights the historical aspects of reading, the great theoretical contribution of the role of the family, schools, work with projects in reading. Emphasizing also the paths and reflections on awakening on the taste for reading.

Keywords: Reading. Like. Critical.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A HISTÓRIA DA LEITURA.....	13
1.1 – A lingüística e o ensino da língua materna.....	13
1.2 - A teoria que transforma a prática.....	14
1.3 – Lev Vygotsky.....	15
1.4 – Jean Piaget.....	16
1.5 – Períodos do desenvolvimento de Piaget.....	16
1.6 – Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.....	17
1.7 – Mikhail Bakhtin.....	19
1.8 – Paulo Freire.....	19
1.9 – A concepção de Leitura.....	20
CAPITULO II – DESENVOLVIMENTO DO GOSTO E INTERESSE PELA LEITURA.....	22
2.1 - Desenvolvimento pelo interesse da leitura.....	22
2.2 - Maturidade para desenvolver a leitura.....	24
2.3 - O ato de lê o sentido, as emoções e a razão.....	25
2.4 - Formação de leitores.....	26
2.5 - A importância do meio sócio-cultural na formação do leitor.....	28
2.6 - A importância da integração do leitor em uma comunidade de leitores.....	28
2.7 - O papel fundamental do adulto como mediador das leituras das crianças.....	29
2.8 - Organização do ambiente escolar para leitura.....	29
2.9 - Adquirindo habilidades e compreensão de leitura.....	31
2.10 - Como ajudar a criança a identificar a idéia principal de um trecho.....	33
2.11 - Atividades para perceber a seqüência dos fatos de um trecho.....	33
2.12 - Habilidades para apanhar pormenores.....	34
2.13 - Como ajudar a criança a avaliar o que lê.....	34
CAPITULO III – INFLUENCIADORES DO HÁBITO DE LER.....	35
3.1 – Família.....	35
3.2 – Biblioteca.....	39

3.3 - Projetos de leitura.....	41
CAPITULO IV – ANÁLISE DE GRÁFICOS.....	43
4.1 – Análise e discussão dos dados da pesquisa	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Há muito tempo se considera a capacidade de ler essencial à realização pessoal, e hoje em dia é cada vez mais aceita a premissa de que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

O Brasil é um país em desenvolvimento, onde a educação não é ainda uma prioridade de todos. No decorrer dos anos, políticas públicas vem sendo criadas com intuito de melhorar o ensino, ou seja, acelerar um pouco o processo educativo que nunca foi tão valorizado.

Nas últimas décadas, movimentos em prol da leitura produziram programas institucionais de leitura, como: Pró-leitura, do Pró-ler, do Leia Brasil, do Fome do Livro, dentre outros. Mas esses programas não têm uma continuidade até obterem um objetivo que é o de incentivar o indivíduo a gostar de ler. Falam-se muito em leitura, mas o Brasil continua com número expressivo de alunos que são analfabetos funcionais – quer dizer, pessoas que, embora dominem as habilidades básicas do ler e do escrever, não são capazes de interpretar textos e resolver situações do cotidiano.

A remoção da barreira do analfabetismo, o incentivo ao hábito da leitura e a provisão de um suprimento adequado de livros devem ser os objetivos de um grupo de pessoas (governo, sociedade, pais e professores) engajados a favor do hábito da leitura.

A leitura é um desafio que tem como objetivo o trabalho de linguagem que é de levar o aluno a observar, perceber, descobrir e refletir sobre o mundo e interagir com seu semelhante através do uso funcional de linguagens; desenvolver a competência ao educando no uso da língua para a solução de problemas do cotidiano; possibilitar o acesso a produção cultural da humanidade e a participação plena no mundo letrado.

A partir do ensino fundamental pode-se afirmar que o ato de leitura pretende levar crianças a melhorar sua habilidade, a familiarizar-se progressivamente com ela, a adquirir o hábito de ler e a utilizá-la para ter acesso a novos conteúdos de aprendizagem nas diversas áreas de conhecimentos.

As escolas de hoje, recebem muitos alunos não provenientes das camadas mais beneficiadas da população. Esses alunos dependem, muitas vezes, exclusivamente da escola para se apropriarem dos conhecimentos valorizados em nossa sociedade, colocados quase como pré-requisitos para outras formas de participação social. Por dificuldades decorrentes de suas condições de vida, o trabalho escolar não é complementado pela família em casa.

Portanto, o único meio de acesso dessas crianças ao conhecimento elaborado parece ser por intermédio dos bancos escolares, acarretando problemas cuja solução requer redobrados esforços por parte dos responsáveis pelo ensino, especialmente professores.

O papel do professor é de grande importância para desenvolver as condições necessárias à aprendizagem da leitura. É relevante o bom relacionamento entre professor, aluno e pais, procurando trabalharem unidos visando um só fim, o excelente desenvolvimento da criança. Os pais que tem o hábito da leitura desenvolvido podem estar tranquilos quanto ao fato de que seus filhos serão bons leitores.

Sabemos, no entanto que em nosso país eles são minoria.

Quando o ser humano apossa-se da palavra, ele tem condições intelectuais, emocionais e psicológicas para resolver seus problemas no dia a dia com facilidade. Portanto a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

Diante da relevância de se está inserido numa sociedade letrada, foi que surgiu o interesse de elaborar o presente trabalho monográfico, com finalidade de relatar a importância da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º) ano das escolas municipais Benedito Jonas Correia, situada no Conjunto Joaz Souza, Bairro Rosápolis e Escola Mirian Lopes do Nascimento, localizada no bairro São Vicente de Paula no município de Parnaíba – PI, buscando pesquisar a situação da leitura na vida dessas crianças, tendo como objetivo reconhecer quais são as contribuições da leitura nas séries iniciais, pois a mesma abre horizontes, e verificar se na escola há o incentivo a leitura, identificar os tipos de leitura existentes na escola e apontar caminhos que levam o aluno a ter o gosto pela leitura. O problema que levou a esse trabalho foi: a leitura é a condição básica para o ser humano ser inserido na sociedade, porque a mesma não está sendo priorizada nas séries iniciais?

A pesquisa desenvolvida foi realizada através de observações em sala de aula que teve início em Março de 2007 a Dezembro de 2008, estando classificada como explicativa e no tocante aos procedimentos técnicos foi bibliográfica e de campo.

Para a realização deste trabalho tivemos como marco a fundamentação teórica dos diversos autores que serviram de embasamento para enriquecer tal pesquisa, além de questionários e entrevistas feitas com os professores, com a finalidade de ampliar os conhecimentos nessa temática.

Porém, para transformar as crianças em leitores competentes, como queremos, precisamos superar a concepção escolar da leitura como objetivo de ensino, cujo aprendizado

inicial se resume em converter letras em sons, acreditando que a concepção será consequência natural dessa decodificação.

O trabalho monográfico está estruturado em quatro capítulos, o capítulo I aborda a lingüística e o ensino da língua materna, o capítulo II aborda o desenvolvimento do gosto e o interesse pela leitura, o capítulo III fala dos influenciadores do habito da leitura, o capítulo IV apresenta a análise e discussão dos dados da pesquisa.

CAPITULO I

1. A HISTÓRIA DA LEITURA

1.1 A lingüística e o ensino da língua materna.

Desde os anos 60 quando os estudos da lingüística se iniciaram nas universidades, as aulas de português começaram a ser alvo preferido das críticas dos lingüísticos, principalmente por que privilegiaram o ensino de gramática normativa em detrimento de uma gramática descritiva dos estudos de fonética, de leitura e redação, que eram pouco praticados pelos alunos.

Estas críticas fez surgir um movimento de valorização da leitura, crescendo o interesse por livros de literaturas infantil e juvenil, o que incrementou os projetos de leitura intra e extraclasse e principalmente contribuindo para o aumento de numero de aulas de redação no currículo escolar.

Essa aplicação do sentido da linguagem trouxe novos reflexos para o professor de português de todas as series, pois a teoria colocava o aluno como produtor de textos, isto é aquele que, para construir conhecimentos a respeito do que é redigido, deveria ser submetido a uma situação concreta de ação ou produção textual.

Nessas idéias insere-se o pensamento contemporâneo de que a linguagem estrutura de tal forma nessa compreensão de mundo que a realidade pode ser considerada, em parte, um efeito da convenção lingüística.

Forma-se então uma nova abordagem para o ensino/aprendizagem de língua materna, uma vez que a língua passa a ser de simples atividade escolar com um corpo definido e acabado a ser ensinado aos alunos, para o estudo a pesquisa de manifestações de linguagem em situação concreta, no contraste vir a ser, como atividade social histórica dos seres humanos.

Como não poderia deixar de ser esta teoria vem provocando mudanças e transformações didáticos/pedagógicos no ensino de português, uma vez que coloca a leitura e a compreensão de linguagem presente nos textos, enquanto atividade sócio-histórico, como centro do processo, deixando para o professor a tarefa de desvendar conteúdos e formas dessa linguagem, inserindo os estudantes no mundo da escrita com o objetivo de torná-lo competentes na interpretação e produção desta mesma escrita.

1.2 A teoria que transforma a prática.

A partir da realidade encontrada nas escolas, houve a necessidade de uma reflexão que encaminhou-se para análise de metodologias e práticas utilizadas para o ensino de língua portuguesa, a luz das idéias pedagógicas de Paulo Freire, da teoria psicogenética implementada como autores como Emilia Ferreira, Ana Teberosky, dos estudos sobre a aquisição das linguagens desenvolvidas por Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin e Jean Piaget e dos atuais estudos sobre a lingüística textual e análise do discurso.

Quando as pesquisas soviéticas, inglesas e sul-americanas começaram a ser divulgadas, demonstraram que crianças, mesmo tenra idade (4-5-anos), eram capazes de ler e de escrever de forma “espontânea”, houve uma espécie de conflito entre a novidade teórica e a prática pedagógica vigente, uma vez que a maioria dos professores envolvidos com ao período escolar de alfabetização tinha por certo que a aprendizagem da leitura e da escrita só poderia acontecer em sala de aula, sob a orientação de um docente, que usaria métodos para alfabetizar.

Em 1983 ao ser publicado a primeira versão das propostas curriculares pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas de São Paulo, entre elas a de Língua Portuguesa, os professores chamados a refletir a respeito desses novos parâmetros foram surpreendidos com formas prontas de práticas pedagógicas construtivistas e / ou psicogenéticas, sem que tivesse havido, anteriormente, ampla discussão do que seria o Early Writing Development, ou seja, o desenvolvimento precoce de leitura e escrita espontâneo, em crianças pré-escolares. Além disso, todas as modificações pedagógicas sugeridas pareciam propor o abandono completo de métodos que vinham sendo aplicados em nossa escola, causando um mal estar entre os professores que se sentiram criticados e inseguros quanto a colocar em prática essas novidades teóricas.

Após quase duas décadas de reflexão e de intensa divulgação dos estudos e pesquisas sobre construtivismo, sócioconstrutivismo, psicogenética, psicolingüística, lingüística textual e muito mais, apesar de ainda existir uma tradição conservadora que dificulta a incorporação e adequação de novas teorias a prática dos professores em geral, a maioria dos docentes e livros didáticos conseguiram conciliar o “velho” e o “novo” numa proposta de ensino/aprendizagem de português mais aberta e flexível, voltada para a qualidade da escola que se quer oferecer as novas gerações.

1.3 Lev Vygotsky

Foi o cientista soviético Lev Vygotsky que tendo por base a psicologia, revelou que a história da leitura / escrita na criança começava muito antes de “um professor colocar um lápis em sua mão e de lhe ensinar o desenho das letras” (1988).

Essas pesquisas apesar de tardiamente divulgadas (Vygotsky foi proibido na União Soviética até 1956), provocaram um repensar sobre a alfabetização, porque colocaram em discussão não só o que o que já conhecia a respeito do desenvolvimento mental dos seres humanos, mas uma outra linha teórica denominada de espontânea, em que o meio ambiente e a linguagem como constituintes do pensamento aparecem como pontos determinantes da construção de conhecimentos e de leitura de mundo.

Para Vygotsky, (1988), a interação das crianças com o ambiente e com outras pessoas estimula o desenvolvimento da inteligência e, conseqüentemente, do pensamento e da linguagem.

Essa interação acontece com a intermediação de um sistema simbólico que cada um constrói para si, na própria ação de viver ou conviver. Sendo a linguagem parte integrante desse sistema simbólico construído, sua aquisição tem o poder de transformar e/ou intermediar a compreensão que temos, a respeito do mundo, construindo o próprio mundo.

Naturalmente, essa concepção construtivista de linguagem tem o poder de transformar práticas de ensino/aprendizagem, pois revela que a inserção e/ou a interação de uma pessoa com o mundo depende de sua competência lingüística na própria ascensão dos papéis de falante, leitor e escrevente.

Dessa forma, não é mais possível entender o ensino de língua materna como algo que depende apenas de métodos e técnicas de alfabetização, uma vez que não se pode ignorar os conhecimentos de linguagem que a criança constrói para si muito antes de entrar para a escola, no ambiente em que vive, ao interagir com formas escritas e com pessoas que falam, lêem e escreve a língua nativa.

Também é possível compreender com mais clareza as diferenças individuais de níveis de conhecimento, uma vez que cada indivíduo constrói ou reconstrói um sistema simbólico de representação de mundo (linguagem), a partir de sua vivência. Assim, uma criança terá mais ou menos facilidade para aprender a ler e a escrever, dependendo de sua experiência.

1.4 Jean Piaget

Jean Piaget, biólogo e pensador francês, já havia colocado a psicologia a serviço da pedagogia ao apresentar o conhecimento como algo a ser construído pela ação do sujeito sobre o objeto que deseja conhecer, isto é, pela participação ativa do aprendiz em interação com o conhecimento (construtivismo) e ao descrever os processos mentais de cognição pelos quais passam os seres humanos no seu desenvolvimento.

Foram pesquisas de Piaget que introduziram o modelo pedagógico no qual o professor apresenta-se como um mediador entre os alunos e os conteúdos que pretende ensinar, com o cuidado de não oferecer conhecimentos prontos aos estudantes, mas de proporcionar um fazer, um agir do aprendiz na construção do próprio saber, como sujeito que produz.

Até então postulava-se uma posição passiva do aluno, como um sujeito condicionado a limitações históricas, produto do meio, da herança cultural e de ideologias, à espera de que o professor, detentor do saber lhe transmitisse o conhecimento.

Apesar de não ter se aprofundado nos estudos da linguagem humana, Piaget fez uma descrição do processo de amadurecimento mental (interior) dos indivíduos, demonstrando que todo ser humano passa por desenvolvimento cognitivo e operatório desde o seu nascimento.

Para ele a inteligência se desenvolve numa seqüência de estágios mentais, que se estruturam e reestruturam pela assimilação-organização-reorganização própria dos dados assimilados, na busca de compreender a realidade.

1.5 Períodos do desenvolvimento de Piaget

Utilizando-se da palavra operação, no sentido de ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento, Piaget definiu quatro estágios desenvolvimento da inteligência:

- De 0 a 2 anos: período sensório-motor.
- De 2 a 7 anos: período operacional.
- De 7 a 13 anos: período operacional concreto.
- De 13 anos em diante: período das operações formais.

No período sensório-motor, os bebês expressam sensações de fome, frio, calor, dor, conforto e desconforto inicialmente chorando ou sorrindo, depois balbuciando sons e

finalmente falando, evoluindo de uma percepção primitiva e desprovida de palavras para uma percepção orientada e expressa pela fala.

Aos seis meses, os bebês são capazes de identificar os sons de sua língua materna e, com 1 ano começam a entender o significado das palavras.

Por volta dos 2 anos de idade, a criança ingressa no período pré-operacional, que se estende até aos 7 anos.

Nessa fase desenvolvem-se a percepção, a memória e a atenção, e a criança adentra um mundo mais amplo, comunicando-se de forma coloquial, brincando de faz-de-conta, começando a desenhar as coisas que a cercam, as garatujas, uma característica desse estágio é egocentrismo.

No terceiro período, denominado operacional concreto, a introspecção ou consciência se desenvolve e a criança se torna consciente de seus processos mentais, podendo daí para frente, operar sobre o concreto, isto é, construir conhecimentos de maneira mais autônoma, desde que diante de uma situação concreta, que lhe possibilite pensar e agir.

O último período descrito por Piaget é conhecido como o das operações formais, e se caracteriza pelo desenvolvimento do pensamento hipotético-dedutivo, iniciando-se por volta dos 13 anos e estendendo-se pela vida da pessoa.

1.6 Emilia Ferreiro e Ana Teberosky

A partir da pertinência da psicologia genética de Piaget a argentina Emilia Ferreiro e a espanhola Ana Teberosky dedicaram-se a pesquisar as formas iniciais de conhecimento de língua escrita e os processos de conceituação construídos por crianças a partir de 3 – 4 anos de idade.

A pesquisa envolveu 180 crianças entre 4 e 7 anos, de duas classes sociais: classe média (CM) e classe baixa (CB).

Algumas nunca tinham freqüentado a escola, outras estavam na pré-escola ou na 1ª série do ensino fundamental. Todas foram entrevistadas em três ocasiões: no começo, meio e final de um ano.

A importância desses estudos se deve a uma nova maneira de interpretar a aquisição da leitura e da escrita, do ponto de vista da criança, em situações experimentais, em que se coloca a escrita tal como a criança a vê, a leitura tal como ela entende e os problemas tal como elas os propõe para si.

Nos estudos de Ferreiro e Teberosky, as etapas de construção da lecto-escrita se apresentam em cinco níveis de conceituação.

No nível 1, pré-operatório, no qual se encontram crianças com 4 e 5 anos surge uma primeira exigência conceitual: é preciso uma quantidade mínima de caracteres escritos (três ou quatro) seja “letras”, “números”, “palavras” ou coisas, para que se possa ler.

Nessa fase, letras e números se confundem, uma vez que ambos podem ser lidos, apesar de pertencerem a sistemas de escrita diferentes. Nesse início de aprendizagem, as crianças costumam reproduzir (desenhar) seus nomes, pela memorização da imagem visual que lhes foi ensinada pelo adulto, mas não conseguem fazer uma análise sonora das partes que os constituem.

No nível 2, com 4,5 e 6 anos, começam a se desligar da leitura global e a tentar uma correspondência entre as partes que constituem cada palavra (suas sílabas).

Por exemplo, a criança “escreve” repetindo as letras que conhece apenas invertendo alguns caracteres:

Aron - sapo

Aorn - pato

Quanto ao reconhecimento das letras, elas reconhecem o nome de algumas letras, mas não conseguem aplicá-las consistentemente.

Ao evoluir para o nível 3, a criança consegue dar um salto qualitativo no seu processo de conceituação, porque pela primeira vez, concebe a escrita como a representação gráfica dos sons da fala e constrói uma hipótese especificamente lingüística para abordar a escrita, ou seja, para cada sílaba falada corresponde a escrita de uma letra.

No nível 4, a criança começa a fazer uma análise para além da sílaba, despertada pelo conflito que se estabelece entre sua hipótese silábica e as formas gráficas “alfabéticas” que o meio lhe propõe.

É nessa fase que a criança comete os chamados “erro construtivos”, pois encontra-se entre sua hipótese silábica e a escrita alfabética, podendo fazer omissões, inversões e substituições, ou seja:

Omissão: pato - pao

Inversão: papai - paipa

Substituição: pato - pap

Ao atingirem a última etapa de conceituação, nível 5, as crianças conseguem ler e escrever alfabeticamente, considerando todos os valores sonoros da linguagem. No âmbito das flexões psicogenéticas, ao atingir o nível 5, essas crianças estarão “alfabetizadas”, porém, se

considerarmos os parâmetros escolares, elas tem ainda muito o que aprender, já que a escola considera a correção ortográfica um requisito para alfabetização.

1.7 Mikhail Bakhtin

Pensador russo nascido em 1895 teve suas obras publicadas entre 1918 e 1924, na Rússia, só foram divulgadas em parte, nos anos 1960 e, mais tarde a partir de 1979.

Bakhtin centrou suas idéias na parole, isto é, nas manifestações da linguagem em situações sociais concretas.

Para Bakhtin, a linguagem além de ser um sistema abstrato, é também uma criação coletiva, um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro” e entre muitos “eus” e muitos “outros”, sendo o discurso uma situação dramática, no qual concorrem o sujeito falante, o ouvinte e o tópico.

Formula-se então uma nova abordagem para o ensino/aprendizagem de língua materna, uma vez que a língua passa de simples atividade escolar, com um corpo definido e acabado a ser ensinado ao aluno, para o estudo e pesquisa de manifestações de linguagem em situações concretas, num constante vir-a-ser, como atividade social e histórica dos seres humanos.

Como não poderia deixar de ser essa teoria vem provocando mudanças e transformações didático-pedagógicas no ensino de Português, uma vez que coloca a leitura e a compreensão da linguagem presente nos textos, enquanto atividades sócio-histórica, como centro do processo, deixando para o professor a tarefa de desvendar conteúdos e formas de linguagem inserindo os estudantes no mundo da escrita com o objetivo de torná-los competentes na interpretação e produção dessa mesma escrita.

1.8 Paulo Freire

Como bem explicou Paulo Freire, a aprendizagem de língua materna deve ser antes de tudo a leitura da “palavra-mundo” e jamais deve significar uma ruptura com o social e histórico da vida humana.

Segundo Paulo Freire, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, o ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Primeiro a “leitura” do pequeno mundo

em que se movia; depois a leitura da palavra que nem sempre ao longo da sua escolarização, foi a leitura da palavra “mundo”.

A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente.

Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização que deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, carregados da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador.

A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Assim as palavras do povo, vinham através da leitura do mundo. Depois voltavam a eles, inseridos no que se chamou de codificações, que são representações da realidade. No fundo esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma “leitura da leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra. O ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido.

1.9 A concepção de leitura

O sentido da leitura, há um tempo atrás, significava apenas pronunciar em voz alta as letras grafadas no papel. Portanto, as teorias mais recentes concebem o ato de ler como atribuição voluntária de sentido a escrita, entendendo a leitura como prática social. Alguns autores escrevem sobre o conceito de leitura:

Freire (1982) propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

De acordo com Foucambert (1994) define a leitura como a formulação de um juízo sobre a escrita no ato de questionar e explorar o texto na busca de respostas – textuais e contextuais que geram uma ação crítica do sujeito mundo.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já si é.

Resende (1993) também concebe a leitura como possibilidades de abertura ao mundo e caminha para um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo;

A leitura é um ato de abertura para o mundo, a cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros emerge-se vendo o universo interior e exterior com mais clareza.

Encontra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes.

Ezequiel Teodoro (1980), para ele o ato de ler é uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, conseqüentemente, de experiência nas sociedades onde a escrita se faz presente.

Segundo Ezequiel, o ato de ler inicia-se quando um sujeito, através da sua percepção, toma consciência de documentos escritos existentes no mundo. Ao buscar a intencionalidade, o sujeito abre-se para possibilidades de significação, para as proposições de mundo que os signos do documento evocam ou sugerem.

Ao buscar compreensão do texto, a partir das referências sugeridas pelos signos impressos que compõem o documento, o sujeito executa as atividades de constatação. Na constatação, o sujeito situa-se nos horizontes da mensagem, destacando e numerando as possibilidades de significação; o sujeito interpreta os significados atribuídos, na transformação, o sujeito responde aos horizontes evidenciados, reelaborando os termos de novas possibilidades.

A leitura se manifesta então como a experiência resultante do trajeto seguido pela consciência do sujeito em seu projeto de desenvolvimento do texto. É nessa mesma experiência (ou vivência dos horizontes desvelados através do texto) que vai permitir a emergência do ser leitor.

Por sua vez os novos significados aprendidos na experiência do leitor fazem com que este se posicione em relação ao documento lido, o que pode gerar possibilidades de modificação do texto evidenciado através do documento, ou seja, a incrementação do seu significado.

CAPITULO II

2. DESENVOLVIMENTO DO GOSTO E INTERESSE PELA LEITURA

2.1 Desenvolvimento do gosto e do interesse da leitura

A sociedade contemporânea pode ser caracterizada por uma prática consumista cada vez mais acentuada por parte dos indivíduos. Consomem-se não só bens materiais, mas idéias, valores e comportamento. A globalização da vida corre o risco de ser, na verdade, a perda da identidade do ser. Para reverter essa situação é necessário que o indivíduo se "aposse da palavra" - na expressão de Elvira França (1984).

Nesse caso a palavra deixa de ser um instrumento de dominação para se transformar em instrumento de libertação do homem.

"Aprender a ler significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios". (Martins, 1984, p.34). Desta forma a leitura envolve disposições, atitudes e capacidades que vão desde a decodificação do sistema da escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. Vista assim, a leitura se torna uma necessidade vital para o ser humano, indispensável à sua vida, pois lhe revela o seu próprio eu, ao mesmo tempo em que o instrumentaliza para melhor conhecer o mundo em que vive.

A leitura é o passaporte para inserir o ser humano na sociedade, portanto desde cedo deve se inculcar o gosto e o interesse pelo hábito da leitura; pois quando ela é iniciada cedo, o aluno progride.

É importante que os professores tenham compromisso e priorize a importância da leitura, pois a formação de leitores e produtores de texto nas escolas é raro. A leitura além de ser algo prazeroso, proporciona uma ligação com outras culturas, onde uma gama de conhecimentos é adquirida pelo leitor no ato que se segue.

Ao ser inserido na escola a criança já tem um conhecimento prévio, ou seja, uma leitura de mundo, onde códigos e sinais são decifrados por ela e essas experiências são de grande valor e devem ser levados em conta pelos professores. "Para ler as palavras é preciso antes saber ler o mundo, encontrando assim nosso lugar como participantes de sua construção social." (FREIRE, 1985).

✧ A leitura proporciona informação, conhecimento, além de dar o indivíduo o direito, a opção a um posicionamento próprio diante da realidade, ela age no sentido da humanização,

ampliando a capacidade de pensar, sentir e interagir nas relações sociais em que ele encontra-se inserido. Vygotsky afirma (1988): “que a aprendizagem e a reconstrução cultural só ocorrem nas interações sociais”.

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da leitura. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. PCN's¹.

A leitura, enquanto um processo que atende a diferentes propósitos precisa ser claramente “mostrada” às crianças em função das aprendizagens que ocorrem por imitação da pessoa adulta. Muitos dos hábitos das crianças são uma decorrência da imitação dos hábitos dos adultos. Por isso mesmo, em situações bem visíveis aos alunos (na frente da sala de aula, na sala dos professores, no corredor, etc...), pode-se ler e discutir um livro, ou uma notícia do jornal ou revistas, etc..., mostrando concretamente o hábito da leitura para a criança.

A criança valoriza o convite de um adulto para escutar uma história lida porque a linguagem do carinho e do amor não tem idade. Ler junto é dar atenção e afeto também. Ler junto é um carinho que fica para toda a vida, a voz humana narrando fantasias emoções, entra no coração e fica na imaginação de cada filho, aluno acarinhado e amado, de maneira única, transformando-a na herança mais preciosa que podemos deixar para as gerações novas.

A leitura pode ser, portanto uma fonte encantada de enriquecimento humano em todos os seus aspectos: pessoal social, moral. À escola caberá a tarefa de orientar o aluno para que descubra esse manancial e usufrua de seus benefícios. Portanto, a par de procurar desenvolver habilidades de leitura, o professor deve também visar à formação de atitudes de apreciação e de interesse pela boa leitura.

O objetivo principal da aula de leitura não é ensinar as crianças a lerem o livro básico, mas transformá-las em leitores, ajudá-los, por seu próprio esforço no mundo dos livros, mundo tão abrangente como o espaço, e como o espaço, repleto de jatos, de mistério e de aventuras rumo ao desconhecido. Dora V. Smith (1959), assim expressou-se: “A habilidade para ler é inútil sem o desejo de ler e o desejo de ler é impotente sem a habilidade para penetrar no mundo que os livros podem abrir às crianças”.

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação por meio da função libertadora da palavra. Para Cleary (apud Bamberger, 1987, p.11) é entre 8 e 13 anos

¹ Parâmetros curriculares nacionais – Língua Portuguesa do Ensino Fundamental – p. 36.

que as crianças revelam maior interesse pela leitura, e ainda reforça a idéia de que é importante habituar a criança às palavras.

Martins (1989) chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro que, segundo revela “um prazer singular na criança”.

Na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter.

A autora afirma que “esse jogo com o universo escondido no livro” (Martins, 1989, p.42) pode estimular o pequeno leitor a descobrir e aprimorar a linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo. Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização.

A leitura amplia e integra os conhecimentos, abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência. A criança pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar os sons das letras, e se pôr a ler pequenos textos de cujo conteúdo ela já tenha conhecimento como: canções, provérbios, adivinhações, etc.

Se esse tipo de atividade for intensificada, o aluno passa a ter um contato com os livros e a leitura fluirá sem problemas.

A leitura além de colocar o aluno como sujeito ativo na sociedade é também uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, ela proporciona liberdade de pensamento, expressão e ação. É lendo que o indivíduo muda sua realidade, fazendo parte dela como sujeito crítico e ativo. “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas e nas bibliotecas.” (SILVA, 1948, p.79).

O ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos de consciência do leitor, que são acionados durante o encontro significativo desse leitor com uma mensagem escrita.

Através dos atos de decodificar e refletir, novos horizontes se abrem para o leitor, dando o pleno desenvolvimento de novas alternativas de ser e existir em sociedade.

2.2 Maturidade para desenvolver a leitura.

Quando se fala em maturidade para o aprendizado, deve se retornar para o conceito de maturação. Entende-se por maturação para a leitura, o momento ideal ao desenvolvimento

em que cada criança, individualmente pode aprender a ler e a escrever com facilidade e proveito.

Este período é ideal para o desenvolvimento da aprendizagem, dependendo de determinados fatores, tais como:

- Fisiológico: incluem a maturação física e o crescimento, o predomínio cerebral e a lateralidade, maturação neurológica, visual, auditiva e o funcionamento dos órgãos da fala.
- Ambientais: incluem as experiências sociais acumuladas pelas interações com o meio ambiente.
- Emocionais: incluem a motivação para aprender e a adaptação e interação com o meio sócio-cultural.
- Intelectuais: incluem a atividade em geral; as atividades perspectivas de discriminação visual e auditiva, raciocínio e pensamento.

Não se pode esperar que todas as crianças amadureçam ao chegarem a determinada idade cronológica. É nesse sentido que utilizar apenas o critério cronológico para introduzir a criança no processo de ensino e incorrer num sério problema, pois a variável de idade não garante o sucesso do aluno em relação às metas visadas pelos programas escolares.

O critério de idade cronológica não deve ser aceitável por si só, devendo-se adotar o critério de idade mental, principalmente ao se falar em idade de início de alfabetização. A idade engloba a potencialidade de cada criança; a motivação para aprender, o grau de estimulação das habilidades básicas necessárias a alfabetização; experiências adquiridas pela criança.

Professores sensíveis, inteligentes, bem preparados quase sempre conseguiram resultados interessantes, quando empenhados na busca de alternativas as condições dadas. É a regra continua valendo também hoje, qualquer professor medianamente experiente sabe que sua intervenção pode ampliar ou anular possibilidades, despertar ou adormecer sensibilidades, facilitar ou dificultar emoções. (PERROTI, 1990, p. 16-17).

2.3 O ato de ler os sentidos, as emoções e a razão.

Os pesquisadores da linguagem já consideram, em quase um consenso que a leitura é um processo no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentido a elas, compreendê-

las. Mesmo se tratando da escrita, o procedimento está mais ligado à experiência pessoal, a vivência de cada um, que ao conhecimento sistemático da língua.

Segundo Helena Martins (1982): “(...) ela (a leitura) não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social.” (Martins, 1985, p.66).

A leitura vai, portanto, além do texto, e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante e deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. No contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável ao seu desempenho na leitura. Isto porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto, aqui também é ampliada, não mais fica restrita do que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

Considerando as colocações acima, a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, uma situação desenvolvida de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer dos descobertos e do reconhecimento de vivências do leitor. Também o sustenta a intermediação de outros leitores. Aliás, o papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais observador: Da postura profissional lendo para ou pelo educando, ele possa a ler, certamente ocorrerá intercâmbio das leituras, favorecendo a ambas, trazendo novos elementos para um e outro.

A dinâmica do processo é, pois, de tal ordem que considera a leitura apenas como resultado da interação texto-leitor seria reduzi-la consideravelmente a ponto de se arriscar equívoco como pensar que um mesmo leitor lendo um mesmo texto não importa quantas vezes, sempre realizaria uma mesma leitura. Não precisa ser especialista no assunto para saber o quanto as circunstâncias pessoais ou não (uma dor de cabeça, uma recomendação acatada ou imposição, um conflito social) podem influir na leitura.

2.4 Formação de leitores.

Fala-se muito em formação de leitores. É politicamente correto, elogiar a literatura e a leitura, infelizmente, poucas são as crianças que tem contato com os livros, e com pessoas que incentivem o hábito da leitura.

O hábito se forma cedo, muito cedo. E o exame do contexto familiar comum mostra que é muito difícil a formação do hábito de ler. A leitura é um dado cultural: o homem poderia viver em ela e, durante séculos, foi isso mesmo o que aconteceu. No entanto, depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, a humanidade, sem dúvida, enriqueceu-se culturalmente. Surgiu a possibilidade de guardar o conhecimento adquirido e transmiti-los as novas gerações.

Assim tornou-se cada vez mais importante para o homem saber ler. Não apenas decifrar aquele código escrito, mas, a partir dele, discutindo-o, contestando ou aceitando-o, construir um pensamento próprio.

Por isso ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é, um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou e leu o texto. Também por isso a leitura é uma atividade individual e só a leitura direta, sem intermediário é leitura verdadeira.

Como não se trata de um ato instintivo, mas pelo contrário, de um hábito a ser gradativamente adquirido, é preciso que se dê desde o início aos aprendizes da leitura o objeto a ser lido (livro, revista ou jornal), respeitando o seu nível de aprendizado. Daí a divisão em faixas de interesse, ou faixas etárias, normalmente usada, que nada mais é do que uma indicação para essas diferentes etapas da lenta caminhada até o domínio total da leitura.

Por tudo isso, existe uma produção específica destinada a crianças e jovens, que leva o nome de literatura infantil e juvenil.

A literatura dá uma visão de conjunto. Ela atende a curiosidade infantil em diversos campos e, assim chega a reunir muitas disciplinas que compõem o leque do aprendizado.

Pesquisas já mostraram que as histórias favoritas de crianças de diversas idades refletem os conflitos emocionais e as fantasias particulares que elas experimentam em diversos momentos da vida. Lendo a criança se identifica com esta ou aquela personagem, numa situação semelhante a alguma já vivenciada, e isto pode ajudá-la a resolver seus problemas.

Se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler, é preciso gostar de ler.

A leitura para tornar-se um hábito, deve começar a ser sugerida ao indivíduo o mais cedo possível. Por isso a casa, a família, os pais são os primeiros incentivos à criança: o adulto que pega uma criança no colo e a embala com aquelas cantigas tradicionais, que brinca

com o bebê usando histórias, adivinhações, rimas e expressões de nosso folclore, que folheia uma revista ou um livro buscando as figuras conhecidas e pergunta o nome delas, está colaborando e muito para uma atitude positiva diante da leitura.

A compreensão deve ser entendida como um modo de ser do homem no mundo, como um projeto de existência. Ou seja, o homem encontra significados para o seu existir à medida que se projeta no mundo, buscando a compreensão de si, dos outros, das coisas. Ao estabelecer um horizonte de compreensão iniciando um trajeto de busca, o homem tem (necessariamente) de iniciar um processo de interpretação, à luz de suas experiências prévias de mundo. (EZEQUIEL TEODORO, 1994, p.09).

2.5 A importância do meio sócio cultural na formação do leitor.

Mesmo vivendo numa sociedade, a grande maioria das crianças brasileiras não tem oportunidade de conviver com a literatura nos seus primeiros anos de vida. Essa constatação leva a inferir sobre o papel fundamental da instituição de educação infantil como espaço privilegiado de aproximação da criança com a literatura. Nesse sentido, é fundamental que se crie um ambiente de letramento que na realidade é também um ambiente alfabetizador, na medida em que tais questões caminham juntas. Isso significa trazer para as crianças o mundo da leitura, possibilitando-lhes o acesso a bons textos escritos em diversos gêneros discursivos.

Uma das formas de propiciar este ambiente é por meio da criação na instituição e mesmo na sala de atividades de espaços onde as crianças possam interagir individual ou coletivamente com a leitura. Por exemplo, a organização de um lugar onde devem ficar os diferentes livros e revistas de uso dos alunos que, dependendo das condições, tanto pode ser uma biblioteca de uso de toda a instituição, como um cantinho para guardar os livros. O importante é que a criança tenha acesso fácil a esse material.

bibliotecas

2.6 A importância da integração do leitor em uma comunidade de leitores.

Para aprender a ler e desenvolver o gosto pela leitura é fundamental estar integrado em comunidades de leitores e, dessa maneira, construir sempre novos sentidos e compartilhar significado com os pares. Assim, para continuar lendo para o resto da vida, com a mesma emoção e mantendo a mesma curiosidade sobre o mundo dos escritos, é preciso conviver com outro para que a relação com a literatura seja intensamente vivida.

Para que os membros desta comunidade avancem seus conhecimentos sobre a linguagem escrita, mais especificamente, sobre a literatura, uma condição indispensável é a garantia da heterogeneidade do grupo. As verdadeiras trocas, o aprendizado de bons modelos de leitor e as possibilidades de se aprender mais quando se ensina para o outro, só são possíveis em grupos constituídos por diferentes.

No caso da educação infantil, essas diferenças já são garantidas pelo fato de que essa etapa da educação básica ainda não é obrigatória, e, assim as crianças além de ingressarem na instituição com diferentes experiências de letramento, estão em diferentes níveis de alfabetização.

Um aspecto a ser enfatizado refere-se à importância de os professores da mesma forma que as crianças, constituírem comunidades de leitores.

2.7 O papel fundamental do adulto como mediador das leituras das crianças.

A leitura, enquanto um processo que atende a diferentes propósitos precisa ser claramente “mostrada” às crianças em função das aprendizagens que ocorrem por imitação da pessoa adulta.

Buscando em diversas histórias de professores e de escritores o seu gosto pela leitura e escrita, encontra-se um leitor mais experiente descortinando significados do mundo da leitura. Em geral, essa ação não foi conduzida por meio de discursos, conselhos e preleções sobre a importância da leitura, mas por meio de práticas reais, sendo o adulto para o aprendiz o modelo de leitor a ser imitado. É importante que se tenha claro que somente aquele que ler e que ama os livros é capaz de formar outros leitores.

Nesse sentido, para formar leitores em nosso país, é necessário que se invista na formação inicial e continuada dos professores com a destinação de recursos, tempo e espaço especialmente planejados com o objetivo de criar uma comunidade de leitores. Se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano. (BAMBERGER, 1987, p.11).

2.8 Organização do ambiente escolar para leitura.

Apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que a maioria das crianças aprende a ler. Muitos tem, no ambiente escolar o primeiro (e as vezes, o único) contato com a literatura. A afinidade entre a escola e a literatura vai mais além: como nota Zilberman (1985, p.21), a natureza de ambos, que é a de formação da personalidade. “De fato, tanto a obra de ficção como a instituição de ensino estão voltados à formação do indivíduo ao qual se dirigem”.

Assim fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas a alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor. Outros ambientes capazes de auxiliar nessa tarefa, como o familiar, podem, eventualmente, não estar direcionados nesse sentido. Já a escola, mesmo com suas limitações, mantém-se como espaço reservado à iniciação da leitura.

A fim de ajudar os alunos a desenvolver continuamente suas habilidades, interesse e entusiasmo pela leitura, um programa rico deve ser planejado pela escola; a sala de aula deve ser um espaço que estimule a criança a ler desde o início da sua vida escolar. Para isso deve dispor de material escrito significativo, quer pela quantidade, que pela qualidade e diversidade: livros, especialmente de literatura infantil, revistas, gibis, jornais infantis, cartazes, folhetos, convites, embalagens, rótulos.

Deste modo a criança terá condições futuras de através da leitura poder participar das grandes tradições da história da humanidade, da cultura e de comparar suas idéias com as dos outros, ampliando e reorganizando sua própria visão de mundo, pois a leitura é muito mais do que um ato mecânico, ler é criticar, pois quem ler, reage a leitura emitindo um juízo acerca dos fatos, distinguindo a verdade do falso, o possível do impossível. É nessa perspectiva que Maria da Glória Bordini (1985:27) afirma que: “Ler e conhecer-se, é integrar e integra-se em novos universos de sentidos; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é descobrir e atualizar potencialidades.”

Ao contrário da escrita que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. Portanto a escola que não lê muito para seus alunos e não lhes dá chance de leitura constante, está correndo par ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos. Pessoas que não lêem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento.

Mas cabe a escola criar a oportunidade para que os alunos descubram o prazer de ler, como também dos professores serem preparados para desenvolver as habilidades de

leitura nos alunos. Portanto, professores de todas as áreas devem ser hoje, essencialmente, professores de leitura, pois é por meio dela que os alunos irão construir conhecimento, tanto na escola quanto fora dela, no presente e no futuro (SOARES, 2001, p.32).

A escola tem, portanto um compromisso maior que é propiciar ao sujeito do desenvolvimento da sua capacidade de leitura do mundo. Assim, uma educação que se queira libertadora, humanizante e transformadora passa necessariamente, pelo caminho da leitura. Por isso, escola e professores deve colocar a disposição das classes uma variedade de materiais escritos de modo que o educando possa preencher os seus interesses (e desenvolver outros) e satisfazer as suas necessidades de acordo com suas capacidades de leitura, sem uma proximidade palpável entre leitor e as diferentes formas de literatura, que pode ser conseguida através da formação de uma biblioteca, ou bibliotecas de classe, dificilmente será desenvolvido o gosto pela leitura. “Para mim, a leitura não importa apenas em prazer, este prazer de saborear uma torta de maçã, ou fazer uma boa viagem; para mim a leitura dá fundamentalmente o prazer libertário.” (JOSÉ LOUZEIRO, 1958).

Os professores das series iniciais tem uma seria responsabilidade e um gostoso privilegio de incentivar o gosto pela leitura, através da leitura em voz alta para as crianças, ao ouvir os textos bem entoados em voz alta, as crianças vão criando consciência dos aspectos da expressão escrita. No momento da leitura, é necessário criar um ambiente de relaxamento e descontração, com as crianças e acomodando em círculos ou a sentadas no chão. Caso a escola possua um jardim ou área de lazer, levar as crianças para lá a fim de fruir as histórias lidas.

Ler contos de fadas que apresentem diferentes versões, personagens diferentes ou finais diferentes podem estimular comparações por parte das crianças facilitando o pensamento intuitivo e imaginativo.

As crianças lêem os textos apresentam significados para elas. É de suma importância proporcionar as crianças o acesso a livros suplementares para leitura de prazer. Em sala de aula, usar livros de capa mole, livros de capa dura, artigos de jornal, revista, diversos materiais extras que não reduzam a leitura das crianças somente a do livro didático. O acesso ao mundo dos livros, agilizando práticas constantes é de fundamental importância a formação do hábito de leitura.

É na infância pré-escolar que se formam as atividades fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez ao entrar na escola, costuma associar leitura com situação escolar, principalmente se não há a leitura no meio familiar. (BARKER, ESCARPIT, p.122).

É fundamental para todo o bom ensino que o professor conheça cada um dos seus alunos, seu nível de progresso, suas necessidades individuais, seus interesses e habilidades antes de tudo. O educador deve compreender que está lidando com crianças e que o desenvolvimento infantil não acompanha um padrão rígido.

2.9 Adquirindo habilidades de compreensão de leitura.

A leitura de diferentes tipos de texto exige do educando o domínio de habilidades, que resulta das práticas e de aprendizagem no transcorrer de sua trajetória escolar. Para questionar, discutir e criticar um texto, por exemplo, os educandos precisam vivenciar situações de questionamento, discussão e crítica junto com os seus companheiros e com a participação do professor.

Adquirida tal atitude de interesse pela leitura com a finalidade de responder interrogações e de solucionar problemas, inicia-se a formação das habilidades de saber onde procurar informações, isto é, em que tipos de livros, revista ou material de leitura é possível encontrar uma resposta de acordo com a pergunta que a salta iniciada à aquisição das habilidades de bem consultar os mais variados tipos de materiais informativos, e habilidades de anotar respostas encontradas, o aluno passará para um novo estágio, em que tais habilidades serão aplicadas, proporcionando-lhe oportunidades de enriquecer com os frutos preciosos da leitura e de ao mesmo tempo desenvolver habilidades recém adquiridas.

Várias são as habilidades necessárias a compreensão de um trecho. O professor precisa conhecê-las a fim de bem orientar seu desenvolvimento. Harris² assim classifica:

- Aquisição de um vocabulário rico, extenso e exato;
- Habilidade para apanhar o sentido de unidade de tamanho crescente; frase, oração, parágrafo, trecho completo;
- Habilidades para encontrar respostas para perguntas específicas;
- Habilidades para selecionar e compreender idéias principais;
- Habilidades para perceber a seqüência dos fatos;
- Habilidades para observar e guardar pormenores;
- Habilidades para observar instruções com precisão;

² Harris, CHESTER W. Encyclopédia of educational Reseach. Mac Millan, Nova York.

- Habilidades para avaliar o que foi lido;

A compreensão é a alma da leitura, deve-se afirmar que alguém realmente leu, quando retira-se o sentido das páginas impressas .

Se ler é interpretar o objetivo principal do ensino da leitura é o desenvolvimento da compreensão.

Tudo o que puder ser feito para melhorar as condições de ensino da leitura, e viabilizar possibilidades de melhor compreender e entender a realidade deve ser feito. E a leitura, enquanto um elemento fundamental do processo de ensino é também sem dúvidas um poderoso meio para a compreensão e transformação da realidade.

Depois que as crianças das séries iniciais ganharem competências e fluências de leitura, o grau de participação nas atividades deve ir aumentando cada vez mais. A iniciativa e o fazer das crianças devem ser acentuadas, individualmente ou em situações de grupo.

2.10 Como ajudar a criança a identificar a idéia principal de um trecho.

Entre todas as habilidades necessárias à compreensão, a de identificação das idéias principais de um trecho é dos mais valiosos e dos mais difíceis. Ser capaz de selecionar o pensamento mais importante, no meio de uma grande quantidade de palavras, requer do leitor habilidade para distinguir entre o que é e o que não é essencial. É uma forma de raciocínio que envolve comparação e seleção, não é, pois de se estranhar que muitas crianças, frequentemente, tenham mais dificuldades para identificar a idéia principal para entender pormenores.

Diretamente ligada com habilidades de reconhecimento do pensamento central de um trecho estão as habilidades acompanhar a ordem dos fatos, de acompanhar as relações de causa e efeito entre eles, de antecipar o fim da história e de saber resumi-la.

A criança deve ganhar todas essas habilidades na escola com orientação do professor, que promoverá habilidades de leitura que a levem a tal.

2.11 Atividades para desenvolver a habilidade para perceber a seqüência dos fatos de um trecho.

1. Colocar os pontos que faltam num esquema parcialmente feito;

2. Fazer uma lista dos incidentes de uma história lida;
3. Discutir as cenas a serem representadas em dramatização baseada em história lida;
4. Fazer relatório de um livro, por escrito ou oralmente para os colegas;
5. Narrar uma história lida;
6. Adivinhar o fim de uma história;
7. Numerar diversos fatos em desordem de acordo com sua aparição na história;
8. Numerar desenhos ilustrativos dos fatos de uma história de acordo com sua ordem de aparição em trecho lido;
9. Dividir uma história lida em partes e ilustrar cada uma com um desenho;
10. Fazer um esquema do material lido;

2.12 Habilidades para apanhar pormenores.

Em muitas situações de leitura é tão importante observar e reter pormenores significativos, com compreender os fatos principais. Isso acontece, principalmente, no tipo de leitura funcional ou leitura estudo, no qual o objetivo é assimilação inteiramente quando possível material apresentado pelo autor.

O ideal é que as crianças aprendam a perceber minúcias em sua relação com as idéias principais, que elas reforçam os pormenores tem muitas funções dentro de um texto: ilustram os fatos principais tornando as generalizações mais significativas, dão mais vigor a uma conclusão, provando-a e esclarecendo-a, e mostram meios de aplicar uma idéia, o que se deseja é que a criança observe a relação dos pormenores com a idéia principal.

2.13 Como ajudar a criança a avaliar o que lê.

A avaliação crítica de um texto lido requer antes de tudo que o leitor tenha habilidade para refletir sobre o problema ou objetivo que o levou a ler. Por que lê? Qual o motivo da leitura? Que deseja saber? Tendo definido e compreendido bem a finalidade com que vai ler, o leitor estará aberto para avaliar as páginas impressas. Por isso mesmo, há necessidade de preceder-se qualquer tipo de leitura de uma preparação que desperte o pensamento do aluno para o motivo que o guiará.

Ao ler, a criança precisa ser capaz de decidir sobre a propriedade de cada parte da informação encontrada, reconhecendo que de fato responde a sua pergunta e o que se relaciona com ela indiretamente; é a habilidade de seleção de idéia.

Em resumo, o problema da avaliação crítica de um texto lido não é outra senão o de pensar, raciocinar sobre o que se lê, medindo-se e passando-se cada parte da leitura incluindo-se uma apreciação pessoal não só sobre o conteúdo como também sobre a forma do texto lido. A tarefa do professor será de despertar, em classe, situações favoráveis a avaliação, guiando o aluno para que ganhe esta habilidade.

CAPITULO III

3. INFLUENCIADORES DO HÁBITO DE LER

3.1 Família

A família é o primeiro grupo com o qual o indivíduo convive e seus membros são exemplos para toda a vida. No que diz respeito a educação, se essas pessoas demonstram interesse de inculcar o gosto pela leitura, dando ênfase a importância do livro na vida, da criança estarão dando uma enorme contribuição para o sucesso da aprendizagem.

Como outros interesses, os de leitura são grandemente influenciados pelo ambiente de casa. A atitude dos pais em relação a obras impressas, o valor que dão aos livros, servirão de base para a formação do pequeno leitor.

Portanto, a família como espaço de orientação, construção da identidade de uma criança deve promover o ato de ler para que, ao ser incorporado nas mediações domésticas, construa o prazer pela leitura.

O letramento familiar pode ser entendido como o contato dos signos através dos pais, seja pela história contada na hora de dormir ou canções ensinadas as crianças, que auxiliam no momento de despertar para que de fato passem a apreciar a leitura.

Numa casa onde os pais gostam de ler, mesmo que não disponham de uma boa biblioteca, a criança cresce valorizando naturalmente aqueles objetos cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo.

A criança percebe, desde muito cedo que livro é uma coisa boa que dá prazer. Eles, nesse momento passam a fazer parte de um mundo muito especial, onde a fantasia se apresenta de maneiras diversas e fascinantes, por meio de palavras e desenhos. Olhando as figuras de uma revista, jornal ou livro, a criança começa a reconhecer coisas familiares e a tentar se expressar verbalmente. É preciso, então, que ela tenha acesso a figuras simples e coloridas, de objetos conhecidos, que ela identifica mesmo sem saber o nome, apresentadas em páginas coloridas. Por muito tempo ela desejará olhar aquelas figuras que falam dela e do seu mundo. Ela começa a curtir os livros, estes frequentemente, são amassados ou rasgados. A criança deve ser ensinada a ter cuidado com os livros, sem que eles sejam tirados do seu alcance. É importante que ela possa manusear e ter um contato mínimo com o objeto do seu interesse.

A visita a papelarias e livrarias é importante na valorização dos livros, além de ser um bom programa para pais e filhos. E a experiência de olhar livros pode ser ampliada: pais e filhos podem começar a fazer um livro juntos. O simples fato de selecionar material ou desenhar figuras, ao mesmo tempo em que se fala o nome das coisas, vai provocando a participação da criança. O encanto de ver fazer um livro se junta ao ver as figuras já conhecidas, e a faz experimentar uma série de novas atividades lúdicas e criativas. Evidentemente, tudo isso deve ser feito de acordo com a idade, a fase e os interesses da criança.

Muitas vezes os pais deixam de aproveitar momentos de alegria e prazer de ver os filhos crescerem por dentro, simplesmente porque acham que eles ainda não entendem. Mas surpreendem-se com as palavras novas que aparecem em seu vocabulário, a cada dia. Esta também é a hora de aparecer os livros, impressos ou feitos em casa, pela própria criança, ou pelas crianças mais velhas da família, livros para colorir, os quais ela possa retornar sempre, conversando, ouvindo e respeitando, estabelecendo relações, álbuns de figurinhas e assim por diante.

Desde muito cedo a criança gosta de ouvir a história de sua vida, a mais importante para ela. É com prazer que escuta alguém contar como foi que ela nasceu, ou fatos acontecidos com ela, com irmãos, pais e avós. Desenvolve noções de identidade e de passado, ouvindo os casos que são contados é que forma a história da família. A medida que cresce, começa a solicitar determinadas passagens que deseja ouvir. Qualquer coisa puxa uma história. Aos poucos os casos vão ficando mais compridos, enriquecidos de detalhes curiosos e engraçados que viram parte do folclore da família, da reunião de história do passado, a criança constrói o quando dela mesma, no presente.

Histórias sobre fatos reais são importantes, porque ajudam a criança a entender sua origem e que tipo de relações existe entre ela, as pessoas e os lugares.

Da mesma forma, as histórias inventadas são importantes. Desde cedo a criança precisa saber de coisas que não fazem parte de sua experiência cotidiana. É comum ela ter um amigo imaginário ou atribuir qualidades humanas e sobrenaturais a um brinquedo ou a um animal. As conversas e as histórias dessas personagens, unindo o real e o imaginário, dão aos pais dessas personagens, unindo o real e o imaginário, dão aos pais muitas dicas sobre seus filhos, pois é nessas horas que a criança deixa transparecer sentimentos como o medo, a insegurança, o ódio e o amor.

Os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real. Histórias que

começam com “era uma vez” e terminam com “viveram felizes para sempre”, permitem-lhe pensar sobre que podiam ser assustadoras mas que não são, porque ela já sabe de antemão que tudo vai acabar bem. A hora de curtir um livro juntos é a hora de partilhar: um livro de histórias curtas, contadas com palavras fáceis de ler e entender, ilustrado com imagens que falam da história, das personagens e ações que estão sendo lidas e mostradas, que faça pensar em coisas novas, que informe, que faça rir de verdade, que seja engraçado, que faça brincar com as mãos, olhos e ouvidos. O importante é que nessa hora não haja pressa, contando ou lendo tudo de uma só vez. É preciso respeitar as pausas, perguntas e comentários naturais que a história possa despertar, tanto em quem lê quanto em quem ouve.

Para a criança, toda figura conta uma história, é preciso respeitar sua imaginação. Algumas crianças gostam de ficar ouvindo histórias mesmo sem entender muito bem. Prendendo-se ao som e ao ritmo das palavras, aos detalhes das figuras. Outros são inquietos, fazem mil perguntas, têm pressa, tentam virar logo as páginas, pedem outro livro antes de terminar o primeiro. Ambos os comportamentos são típicos de crianças que ouvem histórias e é preciso que os pais compreendam, sem apreensão, as necessidades de cada momento e sigam adiante.

Muitos pais se perguntam se os contos de fadas não são muito assustadores. Existe uma tendência a abrandar passagens consideradas violentas, ou mesmo eliminar lobos maus e bruxas. Mas as bruxas, os gigantes, os anões e os lobos continuam a exercer um fascínio muito grande sobre a criança. Ela pede histórias desse tipo e gosta de enfrentar e vencer o susto que sente. Além disso, é preciso que ela entre em contato e explore os aspectos mais sombrios da vida. Sentindo o calor da voz e do corpo dos pais, a criança pode ouvir histórias sobre gente má. Ela vai percebendo que a vida nem sempre é boa e tranqüila. Histórias assim podem ajudá-la a lidar com sentimentos fortes, como o medo, protegida pela proximidade do pai e da mãe.

Da mesma forma, acontecimentos familiares descritos em livros têm uma importância muito grande, porque a criança precisa saber que é igual a todo mundo, que outros vivem experiências semelhantes às suas. Ela se identifica, por exemplo, com as histórias em que crianças e bichos acordam, vivem sua rotina diária e vão dormir. Ou com aqueles em que crianças brincam, vão ao parque ou festas, ao médico ou ao dentista, estão de férias, ficam doentes e vivem outras situações do cotidiano. Este tipo de narração confirma e amplia experiências e ajuda a enfrentar situações novas.

O amor pelos livros não é coisa que apareça de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que lhes podem oferecer. Cada livro pode trazer uma idéia nova, ajudar a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança. Aos poucos ela ganha intimidade

com o objeto-livro. Uma coisa é certa: as histórias que os pais contam e os livros que pais e filhos vêm juntos formam a base do interesse em aprender a ler e gostar dos livros.

A criança se desenvolve rapidamente e os pais perguntam: será que ela ainda gosta de ouvir histórias? A pré adolescência é o período em que os pais deixam de ser modelos e a criança vai buscar na leitura os heróis com quem vai se identificar. Sejam estes seres mitológicos, heróis ou até mesmo anti-heróis! Cresce o espírito de aventura, crescem as exigências dos deveres escolares. Vencida a barreira da alfabetização, as exigências da leitura escolar podem, às vezes, assustar o leitor e afastá-lo do prazer de ler. Este é o tempo de se começara amadurecer a escolha dos temas das histórias para ler em voz alta, ou de se tornar mais frequente a ida da família a livraria ou a biblioteca, facilitando a escolha livre da criança.

Ela vai começar a ler seus primeiros romances, esta é a grande novidade e, seguindo-lhe o gosto, os pais terão muitas pistas para conhecê-la melhor.

Os pais que, a algum tempo, vem cultivando livros com a família, têm na leitura uma atividade comum e cotidiana em sua casa. É possível, entretanto, que a partir dos doze anos aproximadamente, a criança comece a resistir aos encantos de ficar em casa lendo, e passe cada vez mais uma boa parte do tempo com grupos de amigos, cuja influência irá se tornando cada vez maior.

A escola também ocupa um grande espaço em sua vida social e dependendo da habilidade dos professores, poderá ter uma enorme influencia no gosto pela leitura. Este é o momento em que, de acordo com seu próprio nível de experiências e habilidades, a criança poderá ser capaz de assimilar, compreender e interpretar o que lê, com independência: sendo um leitor crítico! Mesmo assim, a influencia dos pais deve continuar, conhecendo o que ela lê, comentando, ampliando as suas leituras:

3.1.1 Algumas regras para os pais:

- Conte histórias para seu filho: todo mundo sabe contar histórias, casos acontecidos, lembranças de família, histórias que seus pais, tios ou avós contavam quando você era pequeno. Histórias inventadas ou adaptadas.
- Leia livros, jornais e revistas: a criança que cresce vendo o pai e mãe, freqüentemente com um livro, aprende instintivamente a valorizar aquele objeto. Além do mais, você vai descobrir em um mundo cada vez maior e mais interessante se cultivar o seu próprio hábito de leitura.
- Leia livros para seu filho: a criança especialmente, recém-alfabetizada ou a que tem maiores dificuldades de leitura, gosta de ouvir histórias lidas pelos pais. Aproveite para

comentar o livro com seu filho e ouvir o que ele acha da história, das personagens e de tudo mais.

- Compre livros para ele: se você puder, vá com seu filho a biblioteca, a papelaria que vende livros, ou mesmo a banca de jornais. Observe o que mais chama a atenção dele, os livros que fica examinando mais tempo, a revista que ele lhe pede para comprar, o álbum de figurinhas também tem sua importância, reserve um pouco do seu orçamento para “matar esta outra fome” de seu filho. Isso vai ajudar muito no processo de crescente valorização do livro e da leitura no espírito dele.
- Converse com os professores: o contato pais com professores dos filhos é sempre enriquecedor. Você fica sabendo como o é seu filho fora de casa, acompanhar suas dificuldades e seus progressos pode ajudar muito.
- Leia o livro que seu filho trouxe da escola: comente com ele, descubra coisas junto com ele. Quando as crianças são educadas em um ambiente onde a leitura é valorizada pelos pais, conseqüentemente ele terá o hábito pela leitura. Porém se os pais não tem o gosto pela mesma, é importante que eles procurem alternativas para despertar o gosto pela leitura.

Nessa perspectiva é imprescindível é imprescindível que os pais sejam conscientes do seu papel no desenvolvimento da criança como leitor.

Normalmente os adultos preocupam-se com que as crianças façam seus deveres escolares todas as noites, mas raramente encontramos esse interesse voltado para a orientação da leitura de ficção, para o estímulo a imaginação e pelo prazer que os grandes autores podem oferecer por meio de seus diferentes estilos e temas literários. É, no entanto, isso na prática requereria apenas um pequeno esforço: E quanto não ajudaria ao desenvolvimento da sensibilidade de qualquer criança. (ELIZA GARAY, 1979, p.51).

3.2 Biblioteca

Biblioteca escolar será a coleção de todos os materiais educativos da escola, tendo como função primordial prover os meios para atender os interesses de leitura dos usuários e desenvolver o gosto pela leitura, tornando esta a meta primordial dessas instituições.

Nas sociedades contemporâneas, a leitura em contexto escolar profissional ou lazer, assume um papel importantíssimo na promoção do desenvolvimento econômico dos povos e dos indivíduos, por isso tanto se tem refletido sobre a forma de incentivar e motivar pessoas

para a leitura, em especial as crianças e os jovens, que ainda não criaram e enraizaram este hábito tão enriquecedor.

As crianças e os jovens aprendem muito do que sabem acerca do mundo e da vida espontaneamente, em contextos muito diversificados que abrangem o grupo familiar, o círculo de amigos, as micro-sociedades ou grupos em que se inserem os meios de comunicação social, desde a televisão até a internet.

Mas é sem dúvida na escola e, com certeza através do livro, que os alunos aprendem de forma mais organizada a sistematizar as informações e os conhecimentos, a pensar e olhar com espírito crítico a realidade.

A escola tem por obrigação proporcionar a seus alunos acesso ao conhecimento e a leitura apresentando sem dúvida algum lugar de grande destaque. Bibliotecas com acervos diversos, dando ênfase a idade do leitor, livros em boas condições, literaturas atuais, bons espaços físicos, boa iluminação podem ser peças fundamentais para que o aluno goste de frequentar o ambiente da biblioteca e comece a ter o contato com o mundo impresso.

Os profissionais comprometidos com a leitura sabem que a disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar do interesse pelo hábito de leitura.

Sem a participação ativa e constante dos professores a dinamização da biblioteca escolar dificilmente será viabilizada na prática. Isto porque são os professores os responsáveis pelo planejamento do ensino, o que direta e indiretamente repercute na distribuição do tempo acadêmico dos alunos.

Um a condição básica para a produção da leitura é a disponibilidade de tempo. Dessa forma, caso os professores não prevejam, com a devida regularidade visitas coletivas ou consulta pessoais dos alunos a biblioteca, a dinamização da leitura em muito perderá em termos de alcance, qualidade e resultados.

O livro pode estar disponível na biblioteca e pode instigar a curiosidade do leitor, porém sem a garantia de tempo, o seu usufruto será prejudicado. Assim a promoção da leitura na escola vai exigir, necessariamente o atendimento da circunstancia temporal. E todos os professores de todas as disciplinas devem planejar os espaços e dosar os momentos para as práticas de leitura dos estudantes.

Vale ressaltar que dada a falta de tradição de bibliotecas escolares neste país, não existem modelos ou padrões a serem copiados. Esse fato pode se transformar numa vantagem a medida que forçarão a escola a buscar o seu próprio caminho para a formação e implantação da sua biblioteca. Quando há o interesse coletivo dos gestores, professores, comunidade em torno do hábito da leitura o espaço da biblioteca aparecerá de forma natural.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propostos pelo MEC, ao se referirem às questões referentes à importância da leitura e das bibliotecas escolares, mostra que têm como objetivo primeiro orientar o trabalho educativo que se processa no interior da escola. Dessa forma, os PCNs concretizam uma proposta à sociedade por meio de dois compromissos básicos: equidade e qualidade para o ensino/aprendizagem no espaço escolar. Como se vê, os PCNs são importantes pela sua abrangência, em nível nacional, e pelo seu caráter orientador para todo o universo dos agentes envolvidos com a Educação, inclusive o espaço destinado aos livros e à leitura formativa, informativa e de lazer, que é a biblioteca.

Portanto é de suma importância que as escolas construam bibliotecas, e que as mesmas venham a ser utilizadas de forma correta, sendo que ela seja um verdadeiro órgão integrante e propulsor do desenvolvimento das potencialidades do indivíduo.

Segundo Ezequiel Teodoro (1948) a falta de pesquisas sobre a leitura é contrabalanceada pela ausência de bibliotecas escolares devidamente equipadas, isto é, com local apropriado, bibliotecário formado e atualização de acervo. O desenvolvimento do chamado “hábito de leitura” muitas vezes fica no nível do idealismo pela falta de livros e profissionais que atendam aos leitores. Ressalta ainda que a implantação de bibliotecas escolares é Regida por lei (Decreto estadual nº 32.056 de 30/1958).

Entretanto a realidade é cruel, as escolas continuam a agir como instrumentos falhos, não dispendo de condições concretas para que haja a disseminação do gosto e o hábito da leitura.

3.3 Projetos de leitura

Segundo a definição do dicionário Aurélio, projeto (significa plano intento, plano geral de edificação). Sendo que nas instituições escolares é necessário um trabalho, programado e organizado, faz-se necessário a utilização dos projetos, pois eles são instrumentos valiosos na propagação do ensino aprendido, garantindo a quem a ele tiver acesso um universo interdisciplinar dos conteúdos.

A necessidade de desenvolver capacidades no sujeito aprendiz, é um dos mais importantes objetos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O desenvolvimento dessas capacidades pode gerar atitudes como autonomia, análise e reflexão; tais capacidades poderão ser desenvolvidas através dos projetos implementados nas escolas.

Quando as escolas trabalham com projetos frequentes de leitura, os alunos passam a ter uma grande intimidade com os livros e o gosto pelo hábito acontece. Estes devem ser trabalhados não só de forma conceitual, mas procedimental e atitudinal, assim o aprendiz passa ser o agente que desenvolve o processo em todas as etapas do procedimento.

Com referência a didática, as orientações voltam-se para a interação do sujeito-aprendiz, com o objeto e também para promoção de um estreito contrato com os demais membros participantes.

Os professores precisam aderir às suas práticas pedagógicas, o importante papel dos projetos, levando-o a criar um ambiente motivador, voltado para uma aprendizagem mais significativa.

CAPITULO IV

4 ANÁLISE DE GRÁFICOS

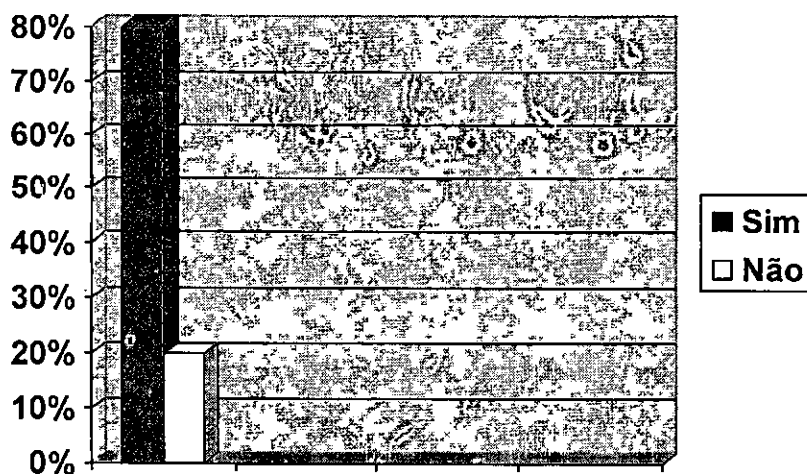
4.1 Análise e discussão dos dados da pesquisa

Este estudo foi feito para mostrar as reais contribuições da leitura nas series iniciais do ensino fundamental. Para isso, foram aplicados questionários e entrevistas com professores das escolas municipais Benedicto Jonas Correia e Miriam Lopes do Nascimento, sendo que os resultados dos questionários e entrevistas foram analisados e transformados em gráficos que se seguiram abaixo:

GRÁFICOS DO QUESTIONARIO APLICADOS COM OS PROFESSORES

Gráfico 1:

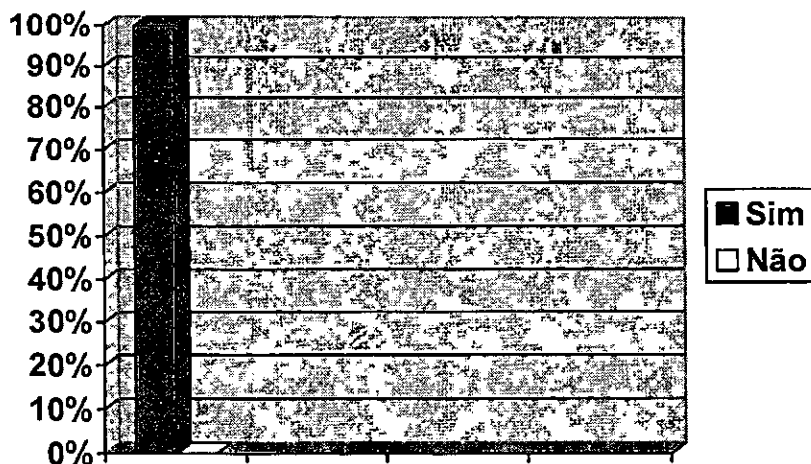
Em sua sala existem alunos que não sabem ler?



De acordo com os professores, 80% dos alunos não sabem ler e somente 20% destes tem um domínio razoável da leitura.

Gráfico 2:

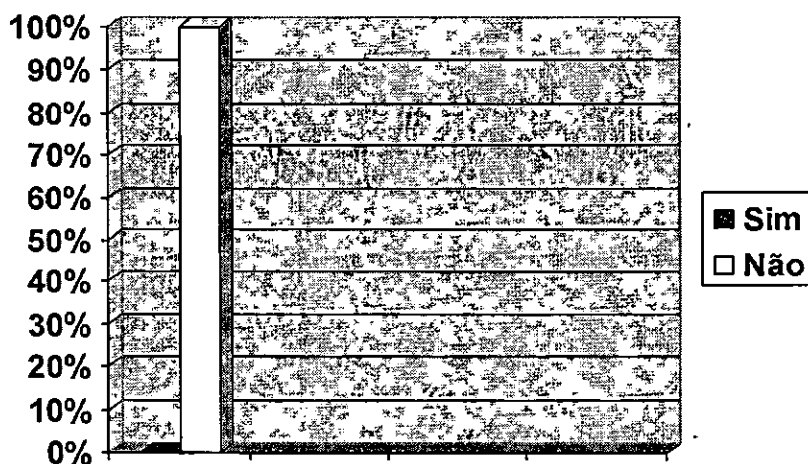
Você procura mostrar em sala de aula a importância e o gosto pela leitura?



De acordo com todos os professores que responderam ao questionário, todos eles dizem que trabalham a conscientização da importância da leitura, realizando para isso leituras de livros no cantinho da leitura.

Gráfico 3:

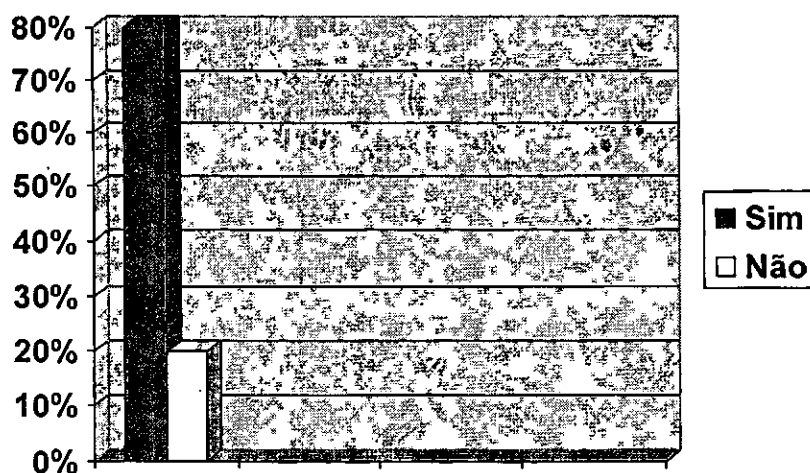
Existe biblioteca na escola?



De acordo com as respostas coletadas, todos os professores afirmam que não existe biblioteca na escola. Sendo que esse fator influenciá de modo negativo para o desenvolvimento da leitura.

Gráfico 4:

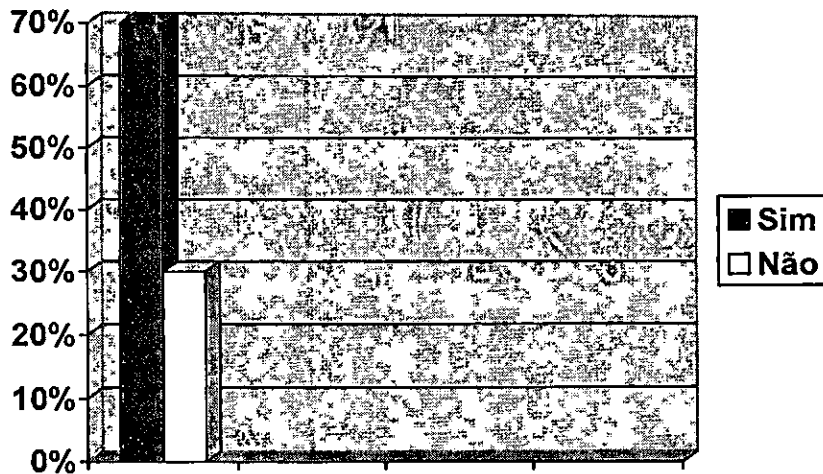
A escola trabalha com projetos que incentive a leitura?



Pelas informações coletados, 80% dos professores disseram que a escola já trabalhou com projetos que incentivem a leitura e somente 20% dos professores disseram que nunca houve projeto que trabalhasse a leitura na escola.

Gráfico 5:

Os alunos gostam de ler em sala de aula?



Os professores responderam que 70% dos alunos gostam de leitura. E 20% desses afirmaram que os alunos não tem gosto pela leitura.

Gráfico 6:

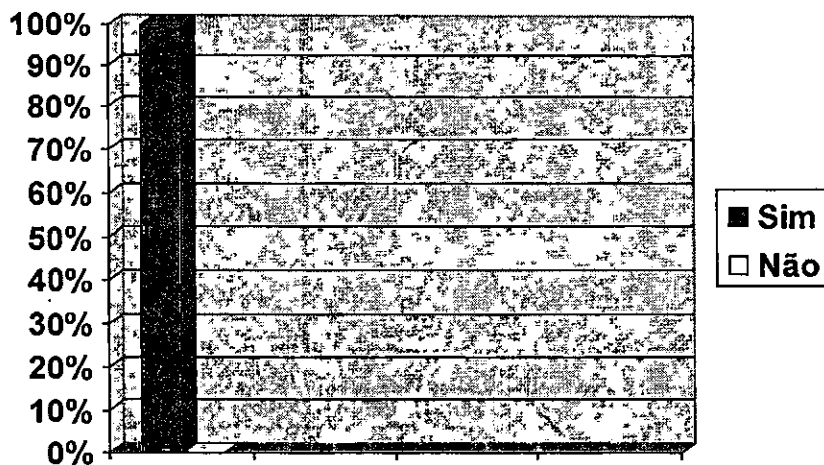
Existe na sala de aula um momento somente destinado a leitura?



Como se vê nesse gráfico, 90% dos professores afirma que destinam um momento para leitura como: roda de leitura, hora do conto, produção de pequenas histórias; e somente 10% dos professores dizem não destinar um momento em sala de aula para a leitura.

Gráfico 7:

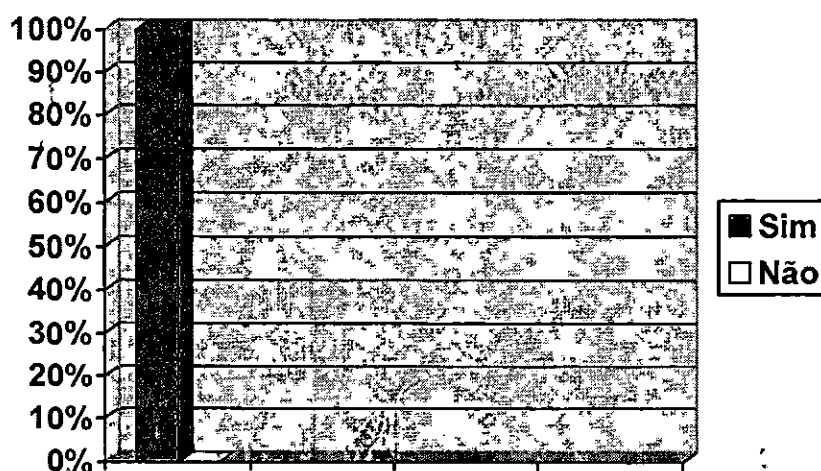
Das atividades propostas na Língua Portuguesa é cobrada produção de texto?



O gráfico nos mostra que todos os professores dizem trabalhar produção de texto, pois fazendo isso, instigam o senso crítico dos alunos.

Gráfico 8:

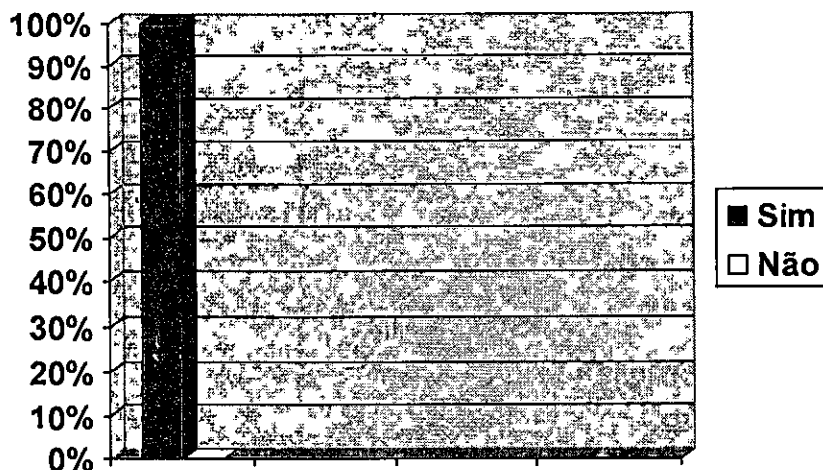
Você incentiva a leitura de livros paradidáticos?



O gráfico aponta uma resposta coletiva de todos os professores, onde todos eles dizem incentivar o uso de livros paradidáticos tais como: revista, jornais, etc.

Gráfico 9:

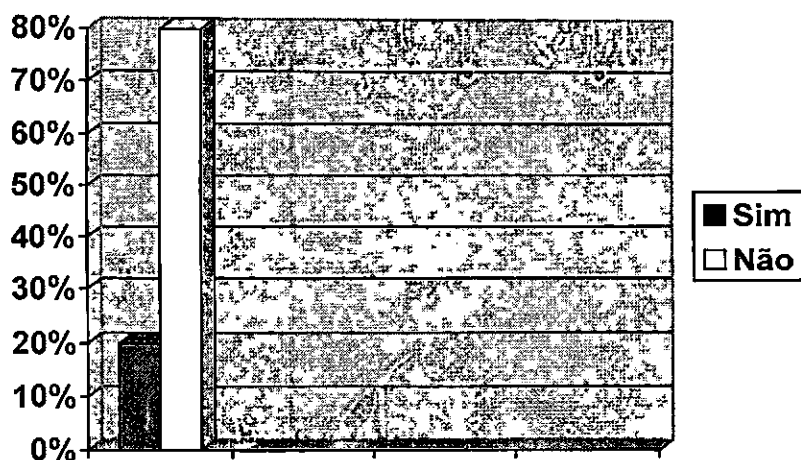
As dificuldades de leitura estão sendo trabalhadas?



Pelo gráfico apresentado, percebe-se que todos os professores dizem estar trabalhando as dificuldades de leituras na sala de aula, mas os professores enfatizam que as crianças precisam de ajuda em casa e que em alguns casos devem procurar uma preparação de dever. Pois só a escola não consegue trabalhar essa deficiência.

Gráfico 10:

Você destina um tempo maior para ensinar os alunos que não sabem ler?



Pela análise do gráfico, percebe-se que 80% dos professores não dedicam um tempo específico para ensinar os alunos que não sabem ler por conta de salas super lotadas e das muitas atividades que devem ser feitas. E somente 20% dos professores entrevistados dedicam um tempo a mais para esses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura enquanto uma forma de participação, somente é possível de ser realizada entre os homens, portanto ela está presente em nossas vidas de forma muito intensa. Os signos impressos registram as diferentes experiências humanas. Sendo um tipo específico de comunicação. A leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro ou qualquer outro tipo de material escrito é sempre uma imersão do homem no processo histórico social de sua vida.

A situação da leitura no Brasil, de fato nunca foi uma situação de êxito. As escolas não têm encarado a leitura como algo importante que muda a realidade dos alunos. Os diagnósticos do quadro de leitura em nosso país são cada vez mais preocupantes; assim alunos vão passando de série se saberem ser, ou então apenas decifrando códigos, mas não entendendo o significado do texto lido.

A realidade de Parnaíba, não é diferente, o quadro encontrado nas escolas é impressionante. O que foi observado nas escolas de ensino fundamental é que a leitura ainda esta voltada para a decoreba de regras gramaticais e não para uma leitura crítica e reflexiva, que é o que deveria ser.

Os professores até que tentam incentivar o gosto pela leitura, mas o tempo é pouco em sala de aula e ele tem que dar conta do resto do conteúdo. A família que é a primeira entidade responsável pelo desenvolvimento da aprendizagem não está cumprindo com o seu papel. São famílias desestruturadas, sem compromisso com os seus filhos, então foi visto o reflexo na vida escolar das crianças. Crianças que muitas vezes vão à escola, só porque são obrigadas pelos pais.

A escola precisa despertar o interesse nas crianças pela leitura, porque muitas vezes é somente através dela que as crianças têm a oportunidade de manusear materiais impressos.

Diante da relevância da leitura está presente na vida dos alunos, é que foi proposto o presente trabalho, tendo sido confirmado três das quatro hipóteses levantadas e somente uma foi negada. Que foram as seguintes:

- Os alunos têm grandes dificuldades de leitura;
- As atividades propostas para a leitura não estão sendo suficientes para o aprendizado;
- As famílias não participam do processo educativo de seus filhos.

Estas foram comprovadas.

- As escolas estão preparadas com materiais didáticos para atenderem os alunos. Esta foi negada.

A partir dos resultados desta pesquisa, recomenda-se para futuros trabalhos esta monografia, pela importância que o tema exerce no processo de ensino e aprendizagem, sendo importante, por ser realidade encontrada em nossas escolas.

Recomenda-se também, que este tema continue a ser estudado e pesquisado por profissionais de educação. E que estes continuem na luta, pelo trabalho reflexivo que a leitura produz, e que professores escolas e família venham assumir o seu real papel de colocar alunos críticos e reflexivos na sociedade.